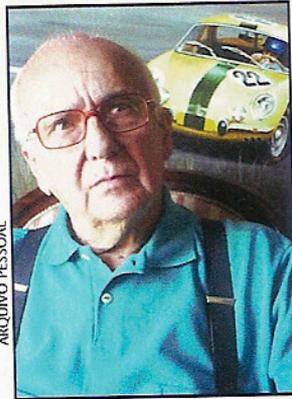


Carta ao amigo Luiz Pereira Bueno



ARQUIVO PESSOAL

E ai Peroba, tudo bem? Faço o filme voltar, nada foi por acaso. Vejo aquela Bugatti com meus pais, em frente ao Museu do Ipiranga, e logo depois eles em um jornal carioca ao lado do Auto Union do Von Stuck, na Gávea, em 1937. Doi demais, certamente neste clima eu fui concebido. O tempo passou, até que o dia chegou e você foi o meu primeiro companheiro, na Mil Milhas de 1958, dois garotões... lembra? Poderia ser melhor? Um Simca 1100cc, com a mecânica do seu Fiat Mile Millia, o famoso "Charuto", que tinha duas alavancas de câmbio, possibilitando oito marchas. Não tínhamos dinheiro para nada. Os Sabós, aqueles dos retentores, acho que até com pena, pagaram a inscrição e nos deram os pneus. E lá fomos nós. Naquele dia, o Wilsão estava uma fera, franzindo aquelas taturanas acima dos olhos, disse: "Vocês são uns moleques, vou contar para o seu pai, aposto que ele não sabe que você está aqui!". Sujou! Fiquei apavorado. Depois, seu assessor, o Araguaia, cochichou: "Wilsinho, escondido e sem carta, demoliu o Cadillac Deville dele na Av. Pacaembu". Ele descarregou tudo em cima de mim. Olha ai, o Tigrão já perturbando as nossas vidas! Que destino nos esperava. Acostumaríamos a cochilar nos boxes em cima de pneus com o nariz impregnado com o cheiro da gasolina e borracha queimada dos pneus. A dor nas mãos agredidas pelo piso de Interlagos não passava e já vinha outra prova longa. Era nossa vida. Até acrobacia no cirquinho da Willys nós fizemos. A minha extravagância sempre contrastou com seu temperamento recatado, caladão, nunca sabíamos o que você estava pensando, seu olhar sempre crítico e intolerante com as travessuras dos garotões da Equipe Willys, e a bronca era costumeira e a mesma: "Vocês são moleques e mal educados". O cumprimento do bicão denunciava a gravidade. Sem risos, as suas armações sempre se tornavam mais engraçadas. Não esqueço aquela bela moça que você veio admirando, e no desembarque daquele vôo para Recife, ela, atrás de nós, rolou na escada e seu sapato voou longe, quando o disfarçado gentleman, no estilo Cinderela, o alcançou e, tomando delicadamente com as mãos aquele ave-ludado calcanhar, num ritual de extrema e disfarçada educação, antes de o calçar, disse: "Que maravilha". Beijando o peitinho daquele pé, sobe o olhar frio do grandalhão que a acompanhava. "Me desculpe, eu não resisti!". Que confusão! Temerosos, eu e o Greco trocamos um olhar de espanto. Só você... Essa cara de santo nunca me enganou. Como companheiros de trincheira, tornamos-nos irmãos, alegrias, amarguras, batíamos e apanhávamos. Valeu à pena! Quando podíamos imaginar que daquele nosso grupinho seria construída a história do automobilismo brasileiro? E você tornou-se o maior colecionador de vitórias daquela época, só comparável, mais adiante, por Ingo Hoffmann. É incrível! Nunca poderíamos imaginar. Que destino, que vida valorizada! Um dia, decidi parar de correr, e você tentou me demover da ideia. Apesar do egoísmo e vaidade que predominava naquele clima carregado que vivíamos, as raízes eram muito profundas. Sei que nada foi por acaso, e este anjo de capacete que me protege também é seu amigo e, neste momento difícil, te alcançou. Do amigo e companheiro de sempre.